

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE MEDICINA, PSICOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE PSICOLOGIA



Trabalho de Conclusão de Curso

“Dar conta de tudo”: O trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe

Luiza Caetano Affonso

Pelotas, 2021

Luiza Caetano Affonso

“Dar conta de tudo”: O trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Camila Peixoto Farias

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

A111l Affonso, Luiza Caetano

“Dar conta de tudo” : o trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe / Luiza Caetano Affonso ; Camila Peixoto Farias, orientadora. — Pelotas, 2021.

37 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Psicologia. 2. Raça. 3. Pandemia. 4. Cuidado. 5. Trabalho reprodutivo. I. Farias, Camila Peixoto, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
MÉTODO	7
RESULTADOS E DISCUSSÕES	9
1. Pandemia e trabalho doméstico.....	10
2. O cuidado afetivo-emocional como mais uma tarefa das mulheres na pandemia.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, anunciada oficialmente em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde, tem exposto de forma decisiva as contradições da sociabilidade burguesa. Para além de uma crise sanitária ou biológica, trata-se de uma crise eminentemente social e histórica (Mascaro, 2020), que encontra no Brasil um cenário político que exponencia seus impactos catastróficos. Nesse contexto, o trabalho reprodutivo adquire grande importância - ainda que temporária - frente ao trabalho produtivo, pelo caráter essencial das atividades relacionadas ao cuidado e à manutenção da vida, como a área da saúde, alimentação e limpeza. Todavia essa importância é esvaziada de materialidade, não refletindo em valorização, visibilidade, salário ou respaldo institucional. Para as mulheres que puderam trabalhar de forma remota nesse período, viram o trabalho produtivo invadir o ambiente doméstico, dissolvendo a separação entre público e privado e intensificando as múltiplas jornadas. Essa dissolução também expôs o que se tenta encobrir no ambiente privado sobre o trabalho reprodutivo: sua carga extenuante e interminável.

A teoria feminista da reprodução social colocou no centro da análise uma questão pouco elaborada por Marx que há muito vem sendo desenvolvida por pesquisadoras e feministas dentro da tradição viva do marxismo: Se a força de trabalho produz valor, como a força de trabalho é, ela mesma, produzida? (Bhattacharya, 2019). Neste artigo tenho a intenção de analisar e refletir sobre o trabalho reprodutivo em nossa sociedade, historicamente relegado às mulheres, e seus desdobramentos no atual contexto de pandemia do novo Coronavírus. A análise se dará a partir de um recorte de dados coletados pela pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” - realizada pelo laboratório Pulsional (UFPEL), em parceria com os laboratórios Marginália (UFRJ) e Époche (UFPEL) - em diálogo com as teorias e com o movimento feminista. A escolha da temática surgiu através da minha participação na pesquisa, como graduanda de psicologia em articulação com a minha vivência e práxis¹ feminista.

¹ Na compreensão marxista, “práxis”, como definiu Paulo Freire de forma sucinta, é a “unidade dialética entre teoria e prática” (FREIRE, 1987 p.14). É a ação informada pela teoria que intervém na realidade de forma a confirmar, confrontar ou complementar a teoria, apontando contradições e tecendo novas reflexões.

O trabalho reprodutivo é, portanto, aquele que, em oposição ao conceito de trabalho produtivo, não produz imediatamente mercadorias (Góis, 2019). Na esfera da reprodução do capitalismo está o trabalho doméstico não remunerado, o trabalho invisível desempenhado majoritariamente por mulheres, que consiste na produção do produto mais precioso do mercado capitalista: a força de trabalho (Federici, 2019). Segundo Federici (2019), o trabalho doméstico não só tem sido imposto às mulheres, como também atribuído à uma natureza feminina que tem na sua condição de não remuneração o fortalecimento da ideia de que as mulheres o fazem por amor. O trabalho de manter e reproduzir a vida social vai muito além de limpar a casa, “é servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia” (Federici, 2019, p.68), além de cuidar das crianças, idosos e outros familiares. Estima-se que o trabalho do cuidado não remunerado equivale, em média, a 11% do PIB nacional no período de 2001 a 2005 (Melo, Considera, Sabato, 2007) e US\$ 10,8 trilhões por ano na economia global, segundo o relatório “Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade” elaborado pela Oxfam em 2020. É o que vem sendo chamado de “economia do cuidado”. No âmbito da economia do cuidado temos uma dimensão ainda mais invisibilizada: o cuidado afetivo-emocional, que sequer é passível de ser mensurado. Não obstante, esse trabalho fundamental tem um peso basilar na reprodução da vida e nas relações de produção, como coloca Tithi Bhattacharya (2019), feminista e uma das principais teóricas da teoria da reprodução social:

Qualquer pessoa que já tenha tido que acalmar uma criança depois de um dia duro no seu próprio local de trabalho ou descobrir como cuidar de um pai ou mãe idoso depois de um turno exaustivo sabe o quanto essas tarefas aparentemente não-materiais são importantes (Bhattacharya, 2019, p.104).

Além disso, no que tange ao cuidado afetivo-emocional das pessoas trabalhadoras do núcleo familiar, é difícil negar os efeitos materiais gerados por esse cuidado, através da reprodução de uma força de trabalho ajustada, disposta e disciplinada para encarar situações estressoras do cotidiano laboral. Neste artigo, nos detemos ao entendimento de cuidado afetivo-emocional como cuidado em saúde mental e parte do trabalho reprodutivo não remunerado, desempenhado pelas mulheres na divisão sexual do trabalho, diferenciando-se de alguns estudos que abordam o conceito de trabalho afetivo na sua forma mercantilizada e considerado como trabalho imaterial. Na literatura científica recente sobre trabalho reprodutivo, e

trabalho doméstico, é possível encontrar artigos e pesquisas que abordam o cuidado e a feminização dessa tarefa, bem como sua intensificação no período pandêmico (Silva et al, 2020), (Lemos, Barbosa, Monzato, 2020), (Menezes, Neto, Ferreira, 2020) mas são poucos os que aprofundam ou sequer mencionam a dimensão do cuidado em saúde mental como um tipo específico de trabalho de cuidado exercido por mulheres. As pesquisas encontradas sobre os impactos da pandemia por uma perspectiva de gênero, trazem a dimensão do trabalho, do cuidado, da desigualdade, da violência doméstica, da maternidade e da sobrecarga. O cuidado em saúde mental ou afetivo-emocional apareceu sob a perspectiva de profissionais da saúde, educadoras, cuidadoras profissionais, ou através da investigação dos impactos do isolamento na saúde mental de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, parece importante refletir sobre o cuidado afetivo-emocional de filhos, cônjuges e familiares, não remunerado e cumprido por mulheres trabalhadoras no contexto da pandemia. Além disso, contribuir com o campo de estudos da reprodução social e com a formação teórico-política da luta feminista se apresentou como um caminho possível e necessário.

Nas respostas ao questionário da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” encontramos muitos relatos sobre esse tipo de cuidado, mais especificamente na pergunta dissertativa “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?”. A partir das respostas desta questão, elegemos o seguinte recorte para a análise das narrativas aqui apresentadas: mulheres brancas e negras, heterossexuais, mães, de classe menos favorecidas, que continuaram trabalhando durante a pandemia e cuidam de filhos e outros familiares. Vale aqui ressaltar que partimos de uma ideia não universalizante da categoria mulher, enquanto um mito construído, mas das múltiplas e mutáveis formas de *mulheridades* possíveis, por uma perspectiva que articula classe, raça e gênero e as diferentes experiências engendradas.

Os desafios elencados pelas mulheres negras e brancas, através das narrativas, são os mesmos? Em que medida se diferem e/ou se aproximam? A pandemia foi sentida da mesma forma? Quais as principais preocupações e mudanças relatadas? E quais são os impactos do trabalho de cuidado afetivo-emocional, impossível de ser mecanizado e imprescindível para a reprodução da vida, na saúde dessas mulheres? São as principais questões que impulsionam e motivam esta pesquisa.

MÉTODO

O estudo foi realizado com base no método psicanalítico de pesquisa, em que as pesquisadoras assumem sua perspectiva parcial, situada e corporificada frente aos dados e a implicação com o que se propõem a pesquisar. Distante de um modelo tradicional de ciência, que busca por resultados verificáveis e replicáveis, a pesquisa não objetiva universalizar ou oferecer respostas definitivas, mas deixar-se afetar pelas narrativas das participantes e observar as reverberações que esse encontro com os dados produz. O rigor do estudo encontra-se, portanto, em descrever os processos de cada percurso metodológico, levantar interpretações possíveis e colocar em diálogo com as teorias, por meio da narrativa transferencial, que dá a marca da singularidade ao que se descobre e ao que se inventa e cria em uma pesquisa com o método psicanalítico (Figueiredo, Minerbo, 2006). Haraway (1995) ao refletir sobre “objetividade” na ciência, fala sobre a necessidade de uma construção de objetividade corporificada, que dê conta dos projetos científicos feministas. Essa objetividade feminista significa os saberes localizados, que requer que “o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso” (Haraway, 1995, p.36), ou seja, uma objetividade responsável que não tem a ver com uma visão fixa, mas com tensões e ressonâncias. Dessa forma, localizar o conhecimento, a fala e a escuta tanto das pesquisadoras quanto das participantes é um ponto de abertura para a atenção aos marcadores sociais que atravessam os discursos e a nós mesmas, bem como a valorização das perspectivas que constituem um potente espaço no campo de corpos e significados possíveis (Haraway, 1995).

A pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”, a qual o artigo procura fazer um recorte, foi desenvolvida entre os meses de abril e junho de 2020, com a construção de um instrumento virtual que permitisse respostas objetivas mas também o compartilhamento de experiências, histórias e sentimentos vividos nesse período por mulheres brasileiras residentes no país e no exterior. Com uma abordagem cuidadosa e atenta, foi elaborado um questionário *online* e divulgado em diferentes plataformas com um convite às mulheres para compartilharem, de forma anônima, as angústias, prazeres, desafios, resistências e percepções sobre suas vidas durante a pandemia. A preservação da identidade das participantes e a proteção das mesmas quanto a riscos ou perdas fazem parte das

considerações éticas da pesquisa que só foi divulgada após a aprovação do comitê de ética da instituição de ensino a qual a pesquisa está vinculada (CAAE: 31203220.3.0000.5317). Contendo perguntas diretas como idade, cor/raça, orientação sexual, renda e questões mais abertas e reflexivas sobre as mudanças enfrentadas nesse contexto e os sentimentos vividos, o questionário ficou disponível por 14 dias, e teve a surpreendente adesão de mais de 6 mil participantes. O instrumento se constituiu em um campo acolhedor para os relatos e as diferentes realidades trazidas pelas respondentes, produzindo uma riqueza de narrativas que comunicam o tempo presente, compartilhadas de dentro e que estão sendo analisadas ainda durante a pandemia. Através da perspectiva de gênero, a pesquisa possibilitou o conhecimento das repercussões subjetivas relacionadas ao contexto de pandemia e para além dele, nas diferentes encruzilhadas (Akotirene, 2019) que localizam as respondentes e pesquisadoras.

Com o encerramento do questionário, o primeiro passo metodológico foi o de instrumentalizar os grupos de pesquisa para o modelo de análise proposto, com reuniões de estudos e debates sobre epistemologias situadas e com uma construção coletiva da perspectiva parcial, crítica, ética e feminista de fazer ciência. Atentas aos marcadores sociais que nos atravessam e influenciam nossa percepção, fomos ao primeiro contato com os dados, na escolha das tabelas geradas pelo questionário com os diferentes recortes. Nesse momento, foi importante perceber que a escolha dos recortes para a análise constituem parte do processo da pesquisa implicada, sendo necessário compreender e subjetivar os motivos dessa escolha, bem como situar nossa implicação. Os recortes selecionados para o presente estudo foram os de renda (de 0 a 4 salários mínimos), raça, maternidade, orientação sexual e trabalho, configurando assim dois grupos de análise que são (1) mulheres brancas, heterossexuais, mães, de classe menos favorecidas, que continuaram trabalhando durante a pandemia e cuidam de filhos e outros familiares e (2) mulheres negras, heterossexuais, mães, de classe menos favorecidas, que continuaram trabalhando durante a pandemia e que cuidam de filhos e de outros familiares.

O passo seguinte foi o do encontro afetivo com as respostas e relatos dos dois grupos selecionados. Um ato de mergulho pelas narrativas, sem hipóteses prévias ou objetivos traçados, contrapondo a lógica de uma ciência comparativa ou quantitativa e deixando o caminho livre para produzir afetos, incômodos, angústias ou identificações. Essa experiência definiu a escolha de uma entre todas as questões do

instrumento para ser analisada neste artigo, por se tratar da pergunta em que as respostas mais mobilizaram e dispararam o desejo de aprofundamento das reflexões. A pergunta de caráter aberto sobre quais os maiores desafios enfrentados pelas mulheres durante a pandemia de COVID-19 revelou a dimensão do cuidado em saúde mental de filhos, familiares e parentes como uma tarefa oculta dentro do complexo e já invisibilizado quadro de afazeres e responsabilidades do trabalho reprodutivo. Aqui localizo uma de minhas implicações, como pesquisadora, por ter desempenhado a tarefa do cuidado afetivo-emocional durante a pandemia, e percebido com os relatos uma inquietação de trazer para o campo da significação esse cuidado exercido pelas mulheres, bem como investigar os impactos desse trabalho em nossa própria saúde mental.

Diante das múltiplas narrativas generosamente compartilhadas, o desafio estava em reconhecer quais me impactaram nesse primeiro encontro, e então destacá-las. Assim, se constituiu a etapa de agrupar os relatos que afetaram e impressionaram, seja na intensidade ou ausência de alguma expressão, seja no assalto à atenção pelo conteúdo. Sem buscar previamente na teoria os temas trazidos nas respostas, mas percebendo unidades de sentidos, paralelos, pontos de tensão e concordâncias, iniciou-se o processo de encontrar/construir os dois grandes eixos que sustentam os relatos selecionados para então traçar as discussões e o diálogo com as teorias.

No total, 135 mulheres negras e 449 mulheres brancas, heterossexuais, mães, que continuaram trabalhando durante a pandemia, responsáveis pelo cuidado de filhos e outro(s) familiar(es) e com renda até 4 salários mínimos, responderam a pergunta selecionada (Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?), de diversos estados brasileiros com predominância do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. As narrativas selecionadas para o artigo foram numeradas de acordo com o número do questionário preenchido de maneira anônima.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das narrativas selecionadas, foi possível identificar alguns temas significativos que se constituíram em dois eixos de análise para ancorar as discussões, são eles: “Pandemia e trabalho doméstico” e “O cuidado afetivo-emocional como mais uma tarefa das mulheres na pandemia”.

1 Pandemia e trabalho doméstico

A pandemia de COVID-19 vem sendo tratada como uma das maiores emergências internacionais de saúde pública das últimas décadas e, especialmente no contexto brasileiro, esse cenário não se limita a uma crise sanitária, mas a uma crise do capitalismo que configura-se em catástrofe com o governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro. Com mais de meio milhão de mortos até o momento (BRASIL, 2020), com diferentes vacinas há pelo menos seis meses disponíveis aos países, “Bolsonaro age em termos de propiciar o aumento do quadro pandêmico, sem política de maior vulto para o socorro à população” (Mascaro, 2020, p.12). Diferente das definições de catástrofe apoiadas nas ciências naturais ou exatas, como apontado por Sá, Miranda e Magalhães “no caso da COVID-19, a dimensão coletiva do trauma é vivida como uma ruptura catastrófica, uma catástrofe não apenas sanitária e social, mas uma catástrofe psicossocial” (Sá, Miranda, Magalhaes, 2020, p.33).

Como medidas restritivas e de distanciamento social adotadas em um primeiro momento no Brasil, com o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, tivemos o fechamento de instituições não consideradas essenciais à manutenção direta da vida, como as escolas, creches, academias, escritórios, setores públicos e privados e a priorização das atividades relacionadas aos trabalhos de cuidados como assistência à saúde, assistência social e atendimento à população em estado de vulnerabilidade. Esse período marcou o início de uma quarentena que foi se transformando e flexibilizando com o passar do tempo, de acordo com os interesses do mercado e da lógica de produção capitalista. Com as adaptações necessárias para a contenção da proliferação do vírus, como a adoção de *home office* para uma parcela da população, a educação remota, orientações de higiene e limpeza, o isolamento e a exigência de maior cuidado e vigília, já era possível afirmar que o impacto da pandemia e seus desdobramentos não seria o mesmo para os diferentes grupos sociais. Nesse contexto, a perspectiva de gênero é colocada em cena, e apontada pelas mulheres como imprescindível para compreender os diferentes efeitos da pandemia, articulando raça e classe com base no acúmulo histórico da luta e teoria feminista que evidencia que são as mulheres que mais sofrem em situações de crise (Paiva, Cabral, 2020). Além disso, a violência patriarcal² (hooks, 2019) e a violência sexual contra

² Segundo bell hooks, o termo “violência patriarcal” é útil porque, “ao contrário da frase mais aceita “violência doméstica”, lembra continuamente ao ouvinte que a violência no lar está ligada ao sexismo

mulheres e meninas teve um aumento exponencial nas configurações impostas pela pandemia, em que muitas vezes a própria casa é um dos lugares mais inseguros para as mulheres (Lobo, 2020). A essa altura, a ONU Mulheres já havia classificado como preocupante o prognóstico da pandemia para a população feminina mundial, e explicitou no relatório ‘Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe’, a diferença dos impactos e implicações para mulheres e homens.

As mulheres continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças (ONU MULHERES, 2020, p.1).

O trabalho doméstico e de cuidado são um dos pilares da produção capitalista (Federici, 2021), imposto às mulheres na divisão sexual do trabalho e atrelado à uma “natureza” feminina como parte fundamental da opressão e desigualdade de gênero até hoje. Angela Davis (2016) na obra “Mulheres, raça e classe”, aponta para o surgimento da “dona de casa” como um subproduto ideológico da separação estrutural entre economia privada do lar e economia pública do capitalismo (Davis, 2016). Segundo Davis, a ideologia do século XIX estabeleceu a dona de casa e mãe como modelos universais de feminilidade, ainda que esse papel não representasse a realidade de mulheres negras na coerção da escravidão e das imigrantes assalariadas nas fábricas. Com os papéis definidos e a disseminação da vocação feminina para o trabalho doméstico à todas as mulheres, as que já trabalhavam fora, “passaram a ser vistas fora da sua “esfera natural” e a não serem tratadas como trabalhadoras assalariadas completas” (Davis, 2016, p.231).

Na esfera do trabalho reprodutivo, o trabalho doméstico pode ser não remunerado, quando feito para a manutenção de si e do próprio núcleo familiar e remunerado quando feito fora de casa, com a “terceirização” das tarefas domésticas, realizado em geral por mulheres negras e pobres (IPEA, 2020), que acumulam a jornada com o trabalho em seus lares. Essas trabalhadoras “assumem o trabalho doméstico de famílias mais abastadas, possibilitando que os homens sigam se

e ao pensamento sexista, à dominação masculina. Durante muito tempo, o termo violência doméstica tem sido usado como um termo “suave” que sugere que ele emerge em um contexto íntimo que é privado e de alguma forma menos ameaçador, menos brutal do que a violência que ocorre fora do lar. Isto não é assim, já que mais mulheres são espancadas e assassinadas em suas casas do que fora delas” (hooks, 2019, p.96).

desresponsabilizando por este trabalho e que outras mulheres, em geral brancas e com maiores recursos, possam “resolver” sua sobrecarga de trabalho doméstico” (IPEA, 2020, p.7). O trabalho doméstico assalariado abarca uma das maiores forças de trabalho de mulheres no Brasil, segundo publicação da ONU Mulheres sobre a campanha das Trabalhadoras domésticas por direitos durante a pandemia Covid-19:

Categoria é uma das que mais concentra trabalhadoras no país: 6 milhões de profissionais, sendo mais de 90% mulheres e 60% de mulheres negras. Em meio à baixa cobertura de direitos trabalhistas, seguridade social e equipamentos de proteção individual, trabalhadoras domésticas residem longe do trabalho, dependem da saúde pública, estão mais expostas a contraírem o coronavírus nas residências onde trabalham e vivem sob a ameaça de não receberem remuneração durante a quarentena (ONU MULHERES, 2020).

Essa configuração aponta para a divisão sexual e racial do trabalho, tendo no Brasil uma relação direta com uma herança colonial e escravagista, vinculada à construção da nossa formação social (Gouveia, 2019, p.11) que permanece viva e incrustada na cultura. Assim, a experiência da pandemia atravessada pelo patriarcado-racismo-capitalismo³ se expressa de diferentes formas e intensidades na vida de mulheres brancas e negras, e as narrativas a seguir, que respondem à questão “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?”, evidenciam essa diferença. Entre os desafios apontados pelas participantes negras, nas narrativas (09), (58), (68), (72) e (82) está:

Enfrentar o transporte público e lugares públicos, que continuam cheios. (09)
 Cuidar da minha saúde tendo que me deslocar para o trabalho todos os dias, ficar longe de minha família, usar o transporte público. (58)
 Lutar pra sobreviver. Ficar longe do meu filho. (68)
 Além de enfrentar a pandemia é triste termos de conviver com o preconceito. (72)
 Lutar para o trabalho doméstico não ser incluído como atividade essencial. (82)

Não ter direito ao isolamento social, ficar longe da família, conviver com o risco de contágio nos espaços públicos e com o racismo são alguns dos agravantes da

³ Heleieth Saffioti (1987), em sua análise sobre os três sistemas de dominação-exploração, “patriarcado”, “racismo” e “capitalismo”, ao longo da história, afirma que através de um processo de simbiose, os três se fundem de maneira inseparável em um único sistema de dominação-exploração denominado “patriarcado-racismo-capitalismo”. Saffioti argumenta que a profundidade da fusão torna o raciocínio da priorização de um sistema pelo outro, em que o segundo assume a função de qualificar o primeiro como “capitalismo racista”, um equívoco.

experiência da pandemia narrada por mulheres negras. No relato (68), une-se ao desafio de ficar longe do filho, a luta pela sobrevivência. O racismo e o sexismo na cultura brasileira, como apontado por Lélia Gonzalez (1984), produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular, efeitos estes intensificados em contextos de crise. O relato (82) revela com precisão a aparente contradição da essencialidade do trabalho doméstico no contexto pandêmico, pois mesmo se tratando de um trabalho essencial para a reprodução da vida e da ordem capitalista, sua terceirização, na forma de trabalho doméstico remunerado, não é uma atividade indispensável às necessidades da população e mesmo assim é preciso lutar para que não seja incluído como tal. Os relatos (74) e (208) abaixo, de participantes brancas, exemplificam alguns aspectos importantes sobre a diferença das experiências narradas:

Os maiores desafios estão sendo cuidar da casa, filho, mãe, trabalho e faculdade. Decidimos liberar a pessoa que nos ajuda nos cuidados da casa em razão dela estar grávida e ser asmática. (74)

Estar dependendo dos outros, o que me deixa sem autonomia; acúmulo de serviços domésticos que tomam tempo precioso para o desenvolvimento de estratégias e ideias para trabalhar e retomar minha independência financeira.... me tornei a empregada da casa e meus planos e projetos pessoais acabam ficando pra depois. (208)

Cuidar da casa, filho e mãe é elencado como um desafio pela participante branca, ao passo que para a participante negra é estar longe da família, por seguir trabalhando fora de casa na pandemia. Enquanto o maior desafio apontado pela participante negra no relato (82) foi o de lutar para que o trabalho doméstico não estivesse na lista de atividades essenciais, o da participante branca no relato (74) foi o de não contar com a terceirização das tarefas domésticas, ao dispensar a trabalhadora doméstica. O relato (74) permite esmiuçar aspectos da branquitude atrelados ao discurso da participante, quando ela apaga o gênero e a condição de trabalho da trabalhadora doméstica, ao utilizar “pessoa que nos ajuda no cuidado da casa”. A tentativa de atenuar a relação de trabalho da empregada doméstica, por parte de seus empregadores, é algo recorrente na cultura do trabalho doméstico (mal) remunerado e racista no Brasil. O uso do termo “liberar” - da exploração desse trabalho? - também chama a atenção para afirmar que a dispensa foi uma decisão dos patrões, parecendo um favor em função de sua condição de grávida e de asmática, e não por orientações de decretos governamentais. Para a psicóloga e pesquisadora de relações raciais com foco na branquitude, Lia Schucman,

a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade (SCHUCMAN, 2014, p.84).

O relato (208), da participante branca, traz a falta de autonomia e o acúmulo do trabalho doméstico vivido na pandemia como maiores desafios enfrentados, e revela uma situação bastante expressiva da diferença entre as experiências narradas, quando fala “me tornei a empregada da casa”. Essa narrativa possibilita refletir sobre como a pandemia, para muitas mulheres brancas, significou passar a realizar os serviços domésticos que antes não realizava, ou fazê-los com maior frequência e intensidade. Ao relacionar esse trabalho desempenhado no próprio lar ao papel de empregada, a participante indica que as tarefas domésticas não eram sua principal responsabilidade antes, mesmo sendo mulher, mas configuram a ocupação que agora lhe é atribuída por sua condição de gênero, a de empregada. A correlação direta que a participante faz entre o trabalho doméstico e a impossibilidade da independência financeira também expõe a dimensão da subordinação e o apagamento de si imposto às mulheres diante da carga das tarefas domésticas, quando coloca “meus planos e projetos pessoais acabam ficando pra depois”.

Diante disso, não se pretende individualizar a questão do trabalho doméstico e de cuidado ou apontar como um problema privado das famílias, mas discutir as diferentes formas e contextos em que ele se apresenta na organização social capitalista, especialmente nesse momento de pandemia. Dois casos são emblemáticos para ilustrar a situação exposta pelas narrativas, nesse período. A primeira morte por Covid-19 no estado do Rio de Janeiro, em 17 de março de 2020, foi de uma trabalhadora doméstica que contraiu a doença de sua empregadora, que havia regressado da Itália (IPEA, 2020, p. 07). A patroa sobreviveu à doença, a trabalhadora, usuária do SUS, que não teve direito à quarentena, não resistiu. O segundo caso foi a trágica morte do menino Miguel, de apenas 5 anos, no dia 2 de junho de 2020, que caiu do 9º andar de um prédio de luxo em Recife, o qual sua mãe, uma mulher negra, trabalhava como empregada doméstica e enquanto estava sob os cuidados da ex-patroa, uma mulher branca de classe alta. Nos dois casos, as trabalhadoras domésticas estavam em atividade, mesmo o trabalho doméstico remunerado não ter sido, em nenhum momento, incluído na lista de serviços

essenciais e contrariando a Nota Técnica 04/2020 do Ministério Público do Trabalho que recomendava

GARANTIR que a pessoa que realiza trabalho doméstico seja dispensada do comparecimento ao local de trabalho, com remuneração assegurada, no período em que vigorarem as medidas de contenção da pandemia do coronavírus, excetuando-se apenas as hipóteses em que a prestação de seus serviços seja absolutamente indispensável, como no caso de pessoas cuidadoras de idosas e idosos que residam sozinhos, de pessoas que necessitem de acompanhamento permanente, bem como no caso de pessoas que prestem serviços de cuidado a pessoas dependentes de trabalhadoras e trabalhadores de atividades consideradas essenciais nesse período (BRASILIA, 2020, p.6).

Essa realidade escancara o quanto o trabalho doméstico remunerado foge às relações de trabalho formalizadas por normas, decretos e leis, e o quanto o racismo acabou por tornar o distanciamento social um direito não disponível às pessoas negras (Menezes, Neto, Ferreira, 2020). Além disso, o cenário exposto possibilita abrir a discussão acerca da proposta de exigir salário ao trabalho doméstico, pautada como uma importante luta a ser implementada pelo movimento feminista atual, por alguns movimentos e coletivos desde a década de 1970.

A reivindicação de salário para o trabalho doméstico, reiterada pela teórica e militante feminista Silvia Federici em suas obras, é tratada como uma estratégia revolucionária pelo potencial de enfraquecer o papel designado às mulheres na divisão sexual do trabalho. Angela Davis, ao contra argumentar a proposta, expõe que as mulheres de minorias étnicas, principalmente as negras, já vem sendo pagas pelo trabalho doméstico há incontáveis décadas e que são as faxineiras, empregadas domésticas e arrumadeiras “que sabem melhor do que ninguém o que significa ser remunerada pelas tarefas domésticas” (Davis, 2016, p.238). Davis (2016) coloca que a luta das trabalhadoras domésticas esteve na recusa do papel de donas de casa substitutas e no delineamento nítido do trabalho a ser realizado e que, diferente do que pauta o Movimento pela Remuneração das Tarefas Domésticas, a condição dessas trabalhadoras, mesmo remuneradas, continua sendo a mais miserável do que qualquer outro grupo profissional no capitalismo (Davis, 2016, p. 240). Para Federici (2021), a estratégia de forçar o capital a pagar pelo trabalho reprodutivo está na recusa de nos reproduzirmos e a outros trabalhadores como mercadorias, por isso seu manifesto é intitulado “Salário *contra* o trabalho doméstico”. A autora afirma que essa é uma forma de alcançar o reconhecimento do trabalho reprodutivo como tal, apontando tanto uma recusa da socialização da fábrica como a recusa da

racionalização e da socialização do lar pelo capital (Federici, 2021, p.43). Considerando a realidade do trabalho doméstico mal remunerado no Brasil e seu caráter racista, que tem na figura da empregada doméstica uma herança colonial simbólica e não apenas prática dos serviços prestados, a estratégia de exigir salário para o trabalho doméstico não parece se adequar às demandas do movimento feminista que se proponha interseccional e anticolonial. É compreendido que essa estratégia não se pretenda ao pagamento de fato por esse trabalho, mas no desvelamento das questões ocultas da expropriação do trabalho reprodutivo das mulheres que acontece ao exigí-lo, bem como a denúncia da jornada invisível que sustenta toda a organização social e produtiva. Nesse sentido, a proposta de Davis de responsabilizar o Estado pelo trabalho reprodutivo parece mais apropriada, na medida em que as políticas neoliberais de desmonte do estado de bem-estar social e os cortes nas políticas sociais de assistência avançam, intensificando a chamada “crise do cuidado” (Fraser, 2020), enquanto uma crise da reprodução social. Davis (2016) coloca que a abolição das tarefas domésticas enquanto responsabilidade privada e individual das mulheres é nitidamente um objetivo estratégico da libertação feminina, mas propõe a socialização das tarefas domésticas e a necessidade de novas instituições sociais que assumam boa parcela das obrigações das “donas de casa”. Davis também aponta os passos significativos dados pelos países socialistas na eliminação da prisão do trabalho doméstico e reforça o interesse vital das trabalhadoras na luta pelo socialismo e na exigência de instituições como creches subsidiadas pelo poder público, as quais carregam um potencial revolucionário explosivo (Davis, 2016, p.244).

O relatório da pesquisa “Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” indica que 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia, com manutenção de salários, afirmaram trabalhar mais na quarentena, sendo 55% delas brancas e 44% negras (Bianconi, Leão, Ferrari, 2020). Nas respostas do questionário da pesquisa “Agora é que são elas” muitas narrativas evidenciam esse aumento de trabalho como um dos maiores desafios enfrentados no período pandêmico, porém questões de sobrecarga, isolamento e trabalho remoto aparecem majoritariamente nos relatos de mulheres brancas, como vemos a seguir no (89), (108), (168) e (187):

Tenho trabalhado e estudado muito mais. (89)
 Conciliar infinitas atividades remotas. (108)
 Teletrabalho, capacitações para teletrabalho, reuniões online, junto com todos afazeres diários. (168)
 Ter que lidar com a sobrecarga e o isolamento. (187)

Nos relatos das mulheres negras, o desafio de conciliar as tarefas e o aumento de trabalho durante a pandemia se apresentam com diferentes elementos, como expressos no (23) e (28):

Manter meu trabalho de fora com as atividades de casa e das tarefas do meu filho. (23)
 Lidar com uma rotina diferente, preocupação com os cuidados da família toda, trabalhar com tecnologias que não domino, ficar longe de familiares, amigos. (28)

Mesmo com os ajustes impostos pela pandemia presentes nas narrativas das mulheres brancas e negras, os relatos (23) e (28) das mulheres negras não apontam a sobrecarga de tarefas domésticas como principal desafio ou preocupação, mas sim a mudança na rotina, conciliar as atividades com tarefas do filho, preocupação com os cuidados da família e uso de tecnologias. Já nos relatos das mulheres brancas é possível concluir que o formato do trabalho remoto, para muitas, inaugurou ou intensificou a sobrecarga com os afazeres domésticos. A realidade de adoção ao *home office* também é mais presente nas narrativas das mulheres brancas, como veremos a seguir.

Uma pesquisa publicada recentemente analisou os impactos do *home office* na vida de trabalhadoras brasileiras e no conflito trabalho-família vivido durante a quarentena, e destacou a semelhança nas respostas das entrevistadas casadas e solteiras, todas mulheres brancas, quanto à sobrecarga com as tarefas de cuidado. Para as autoras, esses casos confirmam o que é encontrado nos estudos sobre a maior responsabilidade com o trabalho do cuidado ser historicamente das mulheres e evidencia que “embora seus parceiros estejam em casa, o peso dos afazeres domésticos recaiu em seus ombros” (Lemos, Barbosa, Monzato, 2020). Nas narrativas sobre quais estão sendo os maiores desafios frente à pandemia, utilizadas para este artigo, podemos perceber nos relatos (30) e (70), de participantes brancas, que as que vivem com seus parceiros acumulam ainda o trabalho do cuidado com eles e vêem como um desafio o manejo da convivência familiar na quarentena.

A preocupação de proteger meus filhos, conciliar o trabalho com as tarefas de casa e da escola, conviver com meu marido. (30)

Manter as medidas de prevenção mesmo sem colaboração de outros membros da família. A convivência familiar e conciliar o *home office* com a maternidade e o trabalho doméstico. Mesmo com a ajuda do meu marido, ainda assim, fico sobrecarregada. (70)

Nesse sentido, a colocação “embora eles estejam em casa” aponta para uma expectativa de maior divisão, participação ou colaboração nas tarefas domésticas durante esse período que estão mais presentes, e o que observamos nos relatos aqui trazidos é de que mesmo quando há essa “ajuda”, a maior presença do parceiro em casa pode intensificar a sobrecarga dessas mulheres, ao adicionar à lista de tarefas o cuidado com ele e com a gestão do convívio na configuração da quarentena. Essa dimensão aparece também nos relatos (296) e (304), também de mulheres brancas:

Atender toda a demanda de atividades: trabalho remoto, trabalho doméstico, cuidar da minha mãe e filha, dar atenção ao marido e ainda conseguir estudar com qualidade. (296)

Lidar com as incertezas. Cuidar do filho que está em casa e do marido que está desempregado. (304)

O trabalho do cuidado como parte do trabalho reprodutivo é marcado em diversas narrativas da pesquisa, e no relato (304) vemos que o cuidado do filho e do marido é colocado com naturalidade na mesma sentença. Para discutir os maiores desafios enfrentados pelas mulheres na pandemia de Covid-19 é preciso discutir os desafios da maternidade nesse contexto, tendo em vista que entre as mulheres, as mães foram ainda mais impactadas pela crise, e as mães solas foram especialmente atingidas. Como apontado no artigo “A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia”, além das consequências do fechamento de escolas e creches e as restrições de deslocamento, o isolamento social impede também que as mulheres acessem a rede de apoio, “elemento que se apresenta como indispensável para o cumprimento das múltiplas jornadas” (Silva et al, 2020). Conciliar a maternidade com as demais jornadas de trabalho durante a pandemia também esteve mais presente entre os desafios elencados pelas participantes brancas, como vemos nas narrativas (21), (46), (59) e (284).

Tarefas domésticas diárias e cuidado do filho em tempo integral. (21)

Dar aula online e ficar em casa com um bebê de 1 ano e 9 meses. (46)

Dar aula online e conciliar os cuidados com as filhas em casa. (59)

Estar o dia todo cuidando do meu filho, lidar com o sentimento de retrocesso profissional. (284)

Dois dos relatos trazem a sobrecarga do ensino remoto para mães que são profissionais da educação, mostrando também o “outro lado” do fechamento das instituições de ensino e o relato (284) fala do sentimento de retrocesso profissional vivido pela participante branca, questão que não apareceu nas respostas das participantes negras. Em relação a vida profissional e a maternidade, as narrativas de participantes negras apontam desafios distintos dos elencados pelas participantes brancas, expressos nos relatos (29), (38) e (46):

Me manter atualizada profissionalmente, combatendo a sensação de desalento. (29)

Explicar a gravidade da situação aos filhos adolescentes que tenho em casa. (38)

Ter que lidar com os problemas de saúde do meu filho sem sequer conseguir ajudar. (46)

Para as mulheres brancas, o desafio da maternidade na pandemia aparece relacionado ao trabalho do cuidado em acúmulo com as demais tarefas e para as mulheres negras parece estar mais ligado à preocupação com a saúde dos filhos e com a gravidade do contexto pandêmico. A psicóloga Valeska Zanello (2018) denomina o “dispositivo materno” enquanto um lugar de subjetivação em que as mulheres são constituídas como cuidadoras “natas” e que, junto ao modelo de “boa-mãe”, impõe que a mulher “deveria assim se apagar em favor de suas responsabilidades para com seus filhos (e marido), com a promessa de atingir a felicidade (Zanello, 2018, p.135). Por outro lado, para as mulheres negras, a maternidade é atravessada pelo colonialismo e racismo estrutural, que historicamente as relegou ao trabalho do cuidado de famílias brancas sem poderem, muitas vezes, cuidar de suas próprias famílias. Além disso, mulheres negras têm seus direitos sexuais e reprodutivos sistematicamente negados, sendo até mesmo alvo de políticas higienistas, ou perdem seus filhos assassinados pelo Estado. Dessa forma, é importante ressaltar que o “dispositivo materno” opera diferentemente na subjetivação de mulheres negras, em que o direito a exercer a maternagem configura-se, muitas vezes, como um elemento de luta, e resistência (Lôbo, Souza, 2019).

Com a pandemia, do dia para a noite, recaiu também sobre as mulheres-mães o papel de educadoras, pedagogas e alfabetizadoras, com a realização de tarefas escolares e a responsabilidade pelo ensino-aprendizagem dos filhos com idade escolar. Foram inúmeros os relatos que apontaram essa nova tarefa das mulheres-mães como um dos grandes desafios na pandemia. As narrativas (08) e (12), de

participantes negras, e a (11), (234) e (276) de participantes brancas, expõem essa dimensão:

Ser a principal responsável pela formação da minha filha. Me alimentar corretamente. Me exercitar. (08)

Manter uma rotina diária pra que as filhas não percam essa dinâmica.

Acompanhar os estudos online com a filha mais nova. (12)

Conciliar todas as atividades diárias de bem estar da família com as atividades da aula do meu filho que está na alfabetização e depende da minha ajuda para ter as aulas. (11)

Organizar o meu tempo para ser mãe, esposa, filha, agente comunitária de saúde, "professora dos meus filhos", fazer meus exercícios de pilates e dança de salão e me cuidar. Além, de ter tempo de mesmo distante, me fazer presente na vida de quem eu amo. (234)

Conseguir realizar as tarefas da casa, do trabalho, da escola da filha, organizar cardápio para todas as refeições e compras, brincadeiras para mantê-los entretidos, cuidar dos meus pais a distância sem colocá-los em risco, e manter estabilidade emocional! (276)

Mais uma vez, o desafio do novo papel imposto pela pandemia aparece em diferentes intensidades e focos nas narrativas. Nas respostas das mulheres negras, a preocupação está na responsabilização pela formação e no acompanhamento dos estudos e também na saúde, enquanto nos relatos das mulheres brancas, se volta para conciliar todos os papéis e tarefas com as atividades escolares dos filhos. O relato (234), de uma participante branca, exemplifica esse foco e expõe como desafio a sobreposição de papéis e a organização deles para conseguir “se cuidar, fazer os exercícios de pilates e dança de salão”. Além do papel de professoras dos filhos, as mulheres acumulam na pandemia a tarefa de entreter, cuidar do cardápio diário da família e cuidar de familiares em suas casas e também a distância, como apontam os relatos (234) e (276), incorporando uma espécie de “cuidado remoto” nas tarefas domésticas de cuidado. Esse cuidado à distância também aparece no relato (34), de uma participante negra: “Orientar quem está longe, pais, avós aos cuidados necessários (34)”. Menezes, Neto e Ferreira (2020) colocam que a crise que pune as mulheres engloba o espaço da família e do trabalho e “a cobrança depositada nelas exige que estejam disponíveis, quase que em tempo integral, a terceiros enquanto ficam a mercê das violências institucionais e privadas” (Menezes, Neto, Ferreira, 2020, p.200).

Na realidade do *home office*, proporcionado a uma parcela das trabalhadoras, em sua maioria mulheres brancas, os espaços e momentos determinados para o trabalho se fundem com a totalidade do trabalho doméstico, expondo que, para essas mulheres, o trabalho não termina quando acaba e que “nunca pertencemos a nós

mesmos, sempre pertencemos ao capital, em todos os momentos de nossa vida” (Federici, 2019, p.82). Para as mulheres negras, que já vivenciavam muitos dos desafios elencados antes da pandemia, se sobrepõe ao contexto de acirramento da crise, a maior exposição aos riscos junto ao enfrentamento das estruturas racistas que historicamente atravessam e moldam a experiência, mas também as formas de luta e resistência.

Assim, é possível dizer que a pandemia também provocou a abertura apontada por Federici como um dos efeitos da estratégia do salário para o trabalho doméstico, colocando à luz da sociedade a jornada interminável das mulheres e suas diferenças em função da raça e da classe. Por outro lado, uma parte do trabalho doméstico e de cuidado que já era invisibilizada historicamente, permanece oculta no contexto de pandemia: a dimensão do afeto e do cuidado em saúde mental. Levantar essa dimensão específica do cuidado nos leva ao segundo eixo revelado pelas narrativas.

2 O cuidado afetivo-emocional como mais uma tarefa das mulheres na pandemia

O trabalho do cuidado, na esfera do trabalho reprodutivo não remunerado, pode ser uma atividade específica de alimentar uma criança ou auxiliar um familiar idoso no banho, e também os cuidados da saúde, que engloba o cuidado em saúde mental ou cuidado afetivo-emocional, dimensão do cuidado ainda mais invisibilizada dentro do trabalho oculto da reprodução social. Segundo a pesquisa “Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” as mulheres passaram a exercer ainda mais o trabalho de cuidado no período de isolamento social. 50% das mulheres passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outra pessoa. Entre essas mulheres, 80,6% passaram a cuidar de familiares, 24% de amigos/as e 11% de vizinhos e que, entre as mulheres responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos ou pessoas com deficiência, 72% afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia durante a pandemia. A pesquisa também aponta que “em casa, os tempos do cuidado e os tempos do trabalho remunerado se sobrepõem no cotidiano das mulheres: mesmo enquanto realizam outras atividades cotidianas, seguem atentas” (Bianconi et al, 2020, p.12). Cabe destacar que esta é uma realidade vivenciada por mulheres que puderam fazer o isolamento social, com adoção do trabalho remoto, que são em grande maioria mulheres brancas.

Estar atenta, monitorar, se preocupar, acalmar, ouvir, confortar, entreter, orientar, são algumas das atividades que o cuidado afetivo-emocional abarca. Mas antes de adentrar a essa especificidade do trabalho do cuidado, é preciso falar do conceito de trabalho afetivo e, em certa medida, diferenciá-lo da dimensão que pretendo abordar neste artigo. Os principais proponentes da teoria do trabalho afetivo são Michael Hardt e Antonio Negri, e para os autores se trata de um aspecto da teoria do trabalho imaterial, desenvolvida por eles nas obras *Império* (2001), *Multidão* (2005) e *Bem-estar comum* (2016). Silvia Federici (2019) examina a teoria do trabalho afetivo na obra de Hardt e Negri e argumenta que o trabalho afetivo destaca aspectos importantes da comercialização da reprodução mas que o entendimento pelos autores é problemático porque

marca um recuo no que diz respeito à compreensão das relações sociais proporcionada pelo movimento feminista dos anos 1970, pois seu uso esconde a contínua exploração do trabalho doméstico não remunerado das mulheres e torna novamente invisíveis as lutas que as mulheres estão travando no âmbito da reprodução (Federici, 2019, p.325).

O trabalho imaterial é definido como trabalho que produz objetos não físicos, como códigos, imagens, conhecimento e subjetividades. Para os autores da teoria do trabalho imaterial, esse trabalho não mais institui uma linha divisória entre trabalho intelectual e manual, e que a imaterialidade da produção também faz desaparecer as demais contradições que caracterizam o trabalho na era industrial como produtivo/improdutivo, produção/reprodução, trabalho/lazer. Para Federici (2019), os pressupostos principais de Hardt e Negri têm fundamentos empíricos frágeis e a mensagem política da teoria é carregada de contradições. A autora coloca que a evidência de que o capitalismo hoje se alimenta principalmente de formas imateriais de produção é questionável e afirma que,

com mais peso, pode-se demonstrar que a força motriz da economia mundial tem sido a capacidade do capital internacional de se apropriar das massas trabalhadoras globais formadas por camponeses expropriados e donas de casa, isto é, uma quantidade imensa de trabalho não contratual, aumentando exponencialmente as porcentagens de extração excedente." (Federici, 2019, p.332)

Se tratando do Brasil, acrescenta-se a essa extração excedente, ao lado dos camponeses expropriados e donas de casa, as trabalhadoras domésticas que sofrem as consequências da escravização e de uma falsa abolição até os dias atuais, impactando suas histórias e possibilidades.

O termo “afeto” não significa um sentimento de ternura ou amor, e sim nossa capacidade de interação, de movimento, “de sermos movidos em um fluxo interminável de trocas e encontros” (Federici, 2019, p.338). Hardt e Negri colocam que no capitalismo contemporâneo a afetividade se tornou um componente chave do trabalho, pois o trabalho imaterial é altamente interativo e mobiliza não apenas as energias físicas, mas também toda a subjetividade dos trabalhadores. A questão é que, como colocado pelos autores, o trabalho afetivo é *degenerificado*, passando a fazer cada vez mais parte do trabalho dos homens e sugerindo um possível fim da divisão sexual do trabalho como conhecemos. Federici retoma o trabalho da socióloga feminista Arlie Hochschild sobre a “mercantilização das emoções e o “trabalho emocional”, que analisou na década de 1980 as mudanças ocorridas no mercado de trabalho, e as novas demandas por habilidade de lidar com as pessoas e não só com as coisas. Hochschild, no livro “O coração gerenciado: comercialização do sentimento humano” colocou no holofote o trabalho emocional desempenhado por comissárias de bordo, de dissipar a ansiedade dos passageiros e projetar uma sensação de confiança e alívio. Federici (2019) coloca que o trabalho afetivo descrito por Hardt e Negri é próximo ao que Hochschild desenvolveu como trabalho emocional, ou seja, “o trabalho que produz ou manipula afetos, trazendo um sentimento de alívio, bem-estar, satisfação, excitação ou paixão” (Federici, 2019, p.341), porém na teoria de Hochschild não há dúvidas de que os sujeitos do trabalho emocional são as mulheres e que somos, desde a infância, treinadas para ter uma relação instrumental com nossas emoções. Assim, para Federici (2019), Hardt e Negri analisam o “trabalho afetivo” de forma generalizada e pelo viés específico da comercialização da reprodução, na esfera de serviços, sob sua forma assalariada. A autora aponta para o risco desse enfoque encobrir um fato fundamental sobre a natureza do capitalismo, uma vez que “a acumulação de capital se alimenta de uma imensa quantidade de trabalho não remunerado; acima de tudo, alimenta-se da desvalorização sistemática do trabalho reprodutivo” (Federici, 2019, p.353).

É na esfera do trabalho reprodutivo não remunerado, e como parte do trabalho doméstico do cuidado, que localizo a análise do cuidado afetivo-emocional apresentada neste artigo, sob a perspectiva da feminização desse cuidado ser ainda uma realidade e, portanto, uma questão de gênero. Nas narrativas a seguir, em resposta à pergunta sobre os maiores desafios das mulheres frente à pandemia de COVID-19, é possível identificar como o cuidado vai muito além de ações práticas e

é uma tarefa assimilada e naturalizada pelas mulheres, como sua responsabilidade, sendo o cuidado afetivo-emocional uma dimensão dessa complexa tarefa. Os relatos (19) e (22) de participantes negras e o (24), (48) e (310) de participantes brancas apontam para essa questão:

Manter todos ocupados e positivos. (19)

Preservar harmonia em casa. (22)

Manter a sanidade mental, tanto minha, quanto da minha família. (24)

Manter a relação com meu filho saudável e compreender os sentimentos dele mesmo enfrentando meus próprios conflitos, manter a vida organizada e conciliar o cuidado. (48)

Acho que os maiores desafios é manter uma rotina que seja satisfatória a todos os componentes da casa entre estudar e trabalhar e lazer. (310)

É possível observar que há uma aproximação nas respostas das participantes negras e brancas quanto a preocupação e o exercício do cuidado afetivo-emocional da família. Em meio a uma pandemia, assumir a responsabilidade de manter a harmonia da casa e a sanidade de todos da família pode ser considerada uma tarefa hercúlea que arranca a humanidade das mulheres, invisibilizando seu próprio sofrimento, medo e vulnerabilidade frente aos riscos e incertezas. O relato (48) exemplifica algumas das várias camadas de trabalho subjetivo que o cuidado afetivo-emocional demanda, especialmente em momentos de crise. A participante fala do trabalho de manter a relação com o filho saudável, ser compreensiva com os sentimentos dele mesmo enfrentando os próprios conflitos, e a necessidade de manter a vida organizada, ainda que o restante do mundo esteja em completo caos. Não à toa as narrativas se referem aos principais desafios enfrentados pelas mulheres, apontando para a dificuldade dessas tarefas do cuidado em meio às múltiplas jornadas. A próxima resposta, de uma participante branca, também revela a responsabilização exclusiva das mulheres com o bem-estar e organização da vida de todos da família: “Manter a calma. Minha e de minha família. As crianças estão ansiosas e agitadas. Marido inseguro. E eu a mãe/esposa segurando firme (169)”. O relato (169) possibilita alguns questionamentos importantes: Qual o custo - para referenciar a economia do cuidado - em termos psíquicos, de segurar firme? Quanto de esforço, energia, tempo e saúde é despendido na tarefa de manter a própria calma e a da família? E a insegurança, ansiedade e agitação dessa mãe/esposa, que antes disso é uma mulher, quem segura?

Para além do cuidado com os filhos, algumas respostas apontam para a responsabilização do cuidado emocional de familiares e até de terceiros, como exposto a seguir, nos relatos (37) e (85) de participantes negras e (232) e (256) de participantes brancas.

Acalmar as pessoas. (37)

Lidar com a ansiedade e desespero das pessoas. (85)

Conciliar atenção à filha, limpeza e organização da casa com trabalho. Não deixar amigos e demais familiares fora do ciclo de preocupação e ainda tentar manter sanidade mental, além da falta de um descanso real ou momento só meu. (232)

Auxiliar as pessoas a não perderem a capacidade de pensar e sentir a si mesmas e assim poderem fazer suas escolhas com solidariedade e respeito não deixando o pânico decidir por elas...(256)

Os dois relatos das participantes negras (37) e (85) falam em pessoas, não se referindo a familiares ou amigos específicos, indicando a necessidade de continuarem convivendo com outras pessoas no trabalho, nos espaços públicos e no trabalho doméstico. As narrativas indicam que o trabalho do cuidado afetivo-emocional ultrapassa o espaço privado do lar, mesmo quando não remunerado, e uma tendência de priorizar o cuidado de outros antes do cuidado-de-si. Sobre isso, Zanello (2016) coloca que mesmo que uma mulher não tenha filhos, ela é vista como naturalmente cuidadora, “capaz de “maternar”, e devendo empregar esse “dom” no cuidado de outras pessoas: dos pais, irmãos, sobrinhos, doentes da família, etc” (Zanello, 2016, p.114), sendo julgada como egoísta se não priorizar o cuidado com os outros. Essa naturalização produz um nível de exigência absurda nas mulheres, que na impossibilidade de ser humanamente alcançável, gera sofrimento psíquico (Zanello, Fiuza, Costa, 2015). As próximas narrativas sobre os maiores desafios frente à pandemia exemplificam essa exigência:

Inventar brincadeiras, cuidar da irritação coletiva que às vezes toma conta da casa, limpar, arrumar, trabalhar, descansar e ficar feliz. (18)

Medo de como será o futuro, preocupação com muitas pessoas..dar conta de cuidar da cabecinha dos meus filhos..tentar manter uma rotina e ao mesmo tempo ser resilientes com eles tbm. (206)

Na resposta (18), de uma participante negra, a lista de tarefas que precedem o desafio de “ficar feliz” ilustra a dimensão longitudinal que separa a participante da felicidade. Inventar, cuidar, limpar, arrumar, trabalhar, descansar e então, ficar feliz. A tarefa de cuidar da irritação coletiva, presente na lista, descreve particularmente bem um tipo de cuidado afetivo-emocional aqui abordado. No relato (206), de uma participante branca, é revelado o aspecto da saúde mental que caracteriza o cuidado

afetivo-emocional, quando coloca entre os desafios “cuidar da cabecinha dos meus filhos”. Dar conta do cuidado da saúde mental de filhos e familiares evidencia a especificidade desse trabalho de cuidado e, durante a pandemia, o acúmulo de mais um papel para as mulheres. Além de mães, esposas, trabalhadoras, professoras, enfermeiras, o papel de cuidadoras também da saúde mental, passa a ser exercido tanto pelas mulheres brancas quanto pelas mulheres negras que responderam a pesquisa.

A dimensão do cuidado em saúde mental, como uma tarefa das mulheres, é explicitada nas narrativas (13), (53), (54) e (80) de participantes negras e (164), (250) e (305) de participantes brancas:

Ajudar meu filho a vencer a depressão. (13)
 Consolidar tarefas de casa com trabalho e dar conta de tudo, inclusive da frustração e depressão do filho. (53)
 Deixar minha mãe feliz calma com controle emocional. (54)
 Zelar pela saúde mental e física do meu esposo que também está de quarentena e não me deixar contagiar somente de tristeza com tanta tragédia. (80)
 Manter isolamento e dar apoio para meu filho, ajudando-o a manter sua saúde mental. (164)
 Cuidar para que meu filho de 3 anos não seja abalado psicologicamente frente à nova realidade. (250)
 Manter a família emocionalmente bem. (305)

Novamente há uma aproximação nos relatos de participantes negras e brancas quanto ao papel do cuidado em saúde mental dos diferentes membros da família. No relato (53), a expressão “dar conta de tudo” como um desafio frente à pandemia é bastante significativa. Como é possível dar conta de tudo? Qual o impacto disso na saúde mental das mulheres? O exercício das múltiplas jornadas com exigências de papéis e performances específicas que configuram uma sobrecarga desigual e violenta com diferentes intensidades para mulheres brancas e negras, favorece distintas formas de adoecimento. Junte a isso a histórica e sistemática desvalorização e invisibilidade do trabalho reprodutivo e a um contexto de catástrofe psicossocial que caracteriza a pandemia no Brasil e faça as contas. A pesquisa do Datafolha/C6 Bank sobre “Os impactos da pandemia sobre a população brasileira” traz em números o que é visto, sentido e vivenciado na realidade: Embora o estresse provocado pela pandemia acometa a maior parte dos brasileiros, a intensidade com que ele se manifesta varia, em muitos casos, conforme renda, escolaridade, raça e gênero e mostra que

ao mesmo tempo em que as obrigações com a família aumentaram para as mulheres brasileiras, elas experimentam mais solidão neste período de pandemia do que eles. Enquanto 49% das mulheres se sentem muito isoladas e solitárias, 38% dos homens brasileiros relatam o mesmo. A diferença se amplia quando se observa quem tomou medicamento durante a pandemia para combater a ansiedade: 19% de mulheres versus 9% de homens. (C6Bank notícias, 2020)

Em relação ao cuidado da própria saúde mental, foram poucas as participantes que mencionaram a questão, em comparação aos relatos que focam na saúde mental de outros. Quando presente, o cuidado da própria saúde mental é colocado como um critério para realizar as tarefas exigidas no momento de crise ou como uma necessidade em relação a preocupação e cuidado de outra pessoa, configurando mais um dos principais desafios enfrentados no acúmulo de papéis e jornadas durante a pandemia. Os relatos a seguir, apenas o (21) é de uma mulher negra e o (82), (96) e (191) de mulheres brancas:

Manter o equilíbrio emocional diante de uma situação financeira fragmentada. (21)
 Ser mãe, professora, trabalhadora, mantenedora e manter a saúde mental. (82)
 Entretar as crianças em casa, e segurar a ansiedade enquanto o marido sai para trabalhar. (96)
 Manter a sanidade para trabalhar, cuidar da casa, do meu pai e do meu filho. (191)

Os relatos (82), (96) e (191) demonstram o quanto o cuidado-de-si e da própria saúde mental precisa ser manejado por elas mesmas, não tendo espaço ou direito de serem cuidadas. O relato (21) aborda a situação financeira como um fator estressor importante e que impõe o desafio de manter o equilíbrio emocional. Em resposta aos maiores desafios enfrentados na pandemia, a preocupação com a situação financeira apareceu em mais relatos de mulheres negras do que de mulheres brancas, como vemos nas respostas (14), (33), (36), (50), (51) e (66) de participantes negras:

Continuo preocupada com minha estabilidade financeira.
 Ficar desempregada e não consegui me bancar. (14)
 O setor financeiro com certeza. (33)
 A alimentação aumentou os preços. Diminuiu o emprego. (36)
 O medo do amanhã de faltar dinheiro, emprego. (50)
 Dificuldades financeiras q já vivia antes e q se agravaram com a covid19. (51)
 Por alimentação em casa. (66)

Nos relatos (156), (184) e (219) a seguir, de participantes brancas, também vemos a preocupação com a questão financeira, mas apresentada com elementos diferentes:

A instabilidade financeira! (156)

Ficar sem trabalhar, financeiro pq sempre fui independente (184)

Ficar sem sair de casa não tem sido fácil, e tentar fazer com que o salário de pra comer e pagar as contas, pois estamos fazendo as refeições todas em casa e colocar comida boa não é nada fácil nesse momento até porque os preços subiram. (219)

As narrativas das mulheres negras sobre a preocupação financeira são marcadas por uma ideia de continuidade da preocupação, indicando que a questão já carregava uma carga estressora antes da pandemia. No relato (51) a participante explicita essa realidade quando coloca “dificuldades que já vivia antes” e se refere ao agravamento da situação no contexto atual. Já no relato (184), de uma participante branca, a preocupação parece estar localizada no momento presente, em que o desafio é ficar sem trabalhar, uma vez que sempre foi independente financeiramente. A falta de emprego e o aumento nos preços dos alimentos também aparecem nas narrativas dos dois grupos, com diferentes focos e intensidades. Nas respostas (50) e (66), de participantes negras, o medo de faltar dinheiro e emprego é relatado como desafiador, assim como prover a alimentação e a preocupação direta com a sobrevivência, questão que não aparece nas narrativas das participantes brancas quanto ao fator financeiro. No relato (219), de uma participante branca, não sair de casa é elencado como desafio, e a colocação sobre o preço dos alimentos aparece em relação a qualidade dos mesmos ao mencionar que “colocar comida boa não é nada fácil”.

Tanto a pesquisa Datafolha/C6 Bank, quanto a pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” evidenciam o estresse com relação às finanças ser maior entre pessoas autodeclaradas pretas e pardas e as pessoas com menor remuneração. Segundo a pesquisa “Sem parar”, 40% das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco e “a maior parte das que têm essa percepção são mulheres negras (55%), que no momento em que responderam à pesquisa tinham como dificuldades principais o pagamento de contas básicas ou do aluguel” (Bianconi et al, 2020, p.14). Esse cenário reafirma a necessidade de racializar e gendricar o conhecimento e as pesquisas de forma geral e o cuidado em saúde mental das mulheres, em especial das mulheres negras, cujo nível de exposição a fatores de risco para a saúde mental é mais alto que para mulheres brancas ou homens negros, pela sobreposição de estressores

múltiplos - que sinergizam - inerente à interseccionalidade de classe, raça e gênero (Gouveia, Zanello, 2019).

Inúmeras pesquisas já apontaram que mulheres com sobrecarga de atividades domésticas apresentaram taxas de transtorno mentais mais elevadas, como transtornos do humor, sintomas somáticos, cansaço e perda de ânimo, especialmente entre as mulheres de classe menos favorecida (Santos, 2020, p.76). Em relação à espacialidade, também verificou-se que o espaço doméstico pode representar um fator de risco para a saúde física e mental das mulheres, o que se agravou com o contexto pandêmico.

Diante disso, é inegável o impacto que as tarefas do cuidado e da responsabilidade com a saúde mental e física de outros têm na vida e saúde das mulheres. Para as mulheres negras, os fatores estressores e de risco são mais intensos, com contextos ainda mais desafiadores e maior exposição à vulnerabilidades, balizados pelo racismo estrutural e estruturante. A preocupação financeira configura uma questão de saúde mental importante nas narrativas, em especial das mulheres negras, sendo um agravante no risco de adoecimento.

A dimensão do cuidado afetivo-emocional revela aproximações importantes nas experiências narradas pelas participantes brancas e negras, mas também expõe diferenças que são marcadas historicamente na intersecção de raça, classe e gênero. Ainda que as mulheres negras e brancas desempenhem o cuidado afetivo-emocional, e se sintam responsabilizadas por ele, uma das principais diferenças está o contexto em que esse cuidado é desempenhado na pandemia, evidenciando que a experiência das mulheres negras é marcada por uma maior exposição aos riscos ao não terem direito ao isolamento e pelos desafios anteriores ao estado pandêmico. Para as mulheres brancas, o exercício do cuidado afetivo-emocional aparece atrelado aos desafios impostos pela pandemia e com o maior convívio familiar, que intensificou o trabalho do cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As consequências da pandemia de COVID-19, especialmente em países do Sul Global como o Brasil, vêm aprofundando as desigualdades sociais e expondo uma das facetas mais cruéis do patriarcado-racismo-capitalismo: a expropriação do tempo integral das mulheres trabalhadoras para o acúmulo de capital. Sendo o trabalho reprodutivo primordial à manutenção da vida e do sistema capitalista, na pandemia percebe-se uma parte oculta da chamada “linha de frente”, em que as mulheres vêm exercendo esse trabalho essencial de forma ainda mais intensa e, na grande maioria, exclusiva dentro dos lares. Ainda mais invisibilizado, o cuidado afetivo-emocional é parte fundamental das tarefas do cuidado, principalmente em momentos de catástrofes psicossociais, e sua visibilidade se faz urgente para que se possa tecer estratégias de cuidado, políticas públicas voltadas a quem cuida, e para aprofundar a compreensão dos efeitos que essa dimensão do cuidado tem na saúde das mulheres.

As narrativas da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” que respondem a questão utilizada neste artigo sobre quais estão sendo os maiores desafios frente à pandemia de COVID-19, possibilitaram reflexões e discussões bastante importantes sobre as experiências vividas por mulheres brasileiras no contexto pandêmico e sobre os diferentes impactos gerados pela crise, de acordo com os marcadores de classe, raça e gênero. Em relação ao trabalho doméstico, os desafios enfrentados pelas mulheres negras e brancas evidenciam diferenças de contexto significativas e atravessamentos históricos que repercutem até os dias atuais. Enquanto as mulheres brancas apontam, em geral, a sobrecarga e a conciliação das jornadas como maior desafio, as mulheres negras expuseram preocupações com o preconceito, racismo, dificuldades de acesso à direitos e questões pregressas ao estado pandêmico, intensificadas nesse cenário. Nesse sentido, é possível inferir que as mudanças de configuração impostas pela pandemia apresentaram novos desafios para as participantes brancas e uma espécie de “mais do mesmo”, porém em uma nova escala, para as participantes negras, que já vivenciavam parte desses desafios. Nas palavras de Lélia Gonzalez (1984): “parece que a gente não chegou a esse estado de coisas. O que parece é que a gente nunca saiu dele” (Gonzalez, 1984, p.233).

Na questão do cuidado afetivo-emocional, tanto as mulheres negras quanto as brancas respondentes apontaram essa tarefa como um grande desafio e se colocaram como responsáveis por esse cuidado, cumprindo um papel de pilar emocional da família. As narrativas, em ambos os recortes, esboçaram preocupação com a saúde mental de filhos e familiares, com a mediação do humor de todos os membros da família, em meio a pandemia, e com a necessidade de exercer um suporte emocional e psicológico para outras pessoas. Já a preocupação com o sustento da casa e a diminuição da renda durante esse período, ainda que apareça em algumas respostas de mulheres brancas, esteve mais presente nas narrativas das mulheres negras, revelando o caráter estruturante das desigualdades sociais e seus desdobramentos no Brasil, com a feminização e racialização da pobreza que coloca mulheres negras em maior vulnerabilidade econômica e social. Desse modo, é importante destacar que mesmo nos pontos de aproximação entre as narrativas sobre o cuidado em saúde mental das participantes negras e brancas, os contextos subjacentes se diferem, não podendo, portanto, serem analisadas de forma simétrica. Sendo assim, os desafios enfrentados pelas participantes negras estão engendrados pelos condicionantes do racismo, e seus efeitos operam de forma a agravar a exposição e vulnerabilidade aos fatores estressores e de risco.

Ainda sobre o impacto da tarefa do cuidado afetivo-emocional na saúde das mulheres, o recorte de mulheres heterossexuais na escolha das narrativas possibilitou identificar o que aponta Zanello (2018), que em geral, o casamento heterossexual é um fator de proteção à saúde mental dos homens e, para as mulheres, quanto menos igualitária a relação e o investimento na mesma, maior o fator de risco e adoecimento psíquico (Zanello, 2018, p.97). Essa questão abre caminhos possíveis de investigação acerca do trabalho do cuidado afetivo-emocional em relações que fogem do contexto cisheteronormativo.

A maternidade foi um fator importante de análise e as narrativas apontaram o desgaste das mulheres-mães que carregam muitas vezes sozinhas a maior carga do cuidado, sentindo diretamente as consequências do fechamento de escolas e a perda da rede de apoio. Para as mães-solos, esse cenário ainda se intensifica, por serem as únicas provedoras financeiras e enfrentarem um verdadeiro malabarismo com as jornadas do trabalho reprodutivo. Em contrapartida, durante a pandemia, inúmeras iniciativas protagonizadas por mulheres-mães abrem importantes pistas para a organização da luta e para o enfrentamento da realidade imposta pela crise. Entre

elas, estão as redes solidárias e de apoio que se formaram em grupos virtuais, como o movimento “Segura a curva das mães” direcionado à mães e suas famílias em situação de vulnerabilidade agravada pelo Covid-19 por todo o Brasil. A proposta de formação de um sindicato de mães e cuidadoras, feita pelo coletivo “Política é a Mãe” em março de 2021, também carrega uma importante estratégia revolucionária na luta feminista, ao colocar as mães como uma categoria de trabalhadoras organizadas, reivindicando o reconhecimento e a valorização do trabalho reprodutivo na mesma medida em que questiona e denuncia a divisão sexual do trabalho. Além disso, outras iniciativas importantes destinadas ao apoio de mulheres na pandemia, protagonizadas por mulheres negras, como o projeto “Casa das Mulheres da Maré”, desenvolvido pela ONG Redes da Maré no Rio de Janeiro, ofereceu suporte emocional e acesso à justiça às moradoras da comunidade.

A contribuição do feminismo sobre o trabalho reprodutivo transforma completamente a compreensão do patriarcado-racismo-capitalismo e da luta anticapitalista, ao afirmar que a mulher não precisa estar na fábrica para ser um sujeito revolucionário e que a quantidade de trabalho não pago que o sistema capitalista extrai do trabalho reprodutivo é ainda maior que a exploração da mais-valia. Além disso, põe em xeque a crença defendida pelo feminismo liberal/corporativista, de que é possível acabar com a opressão de gênero ou raça dentro dos marcos do capitalismo, porque ele pode se ater a explorar “apenas” a força de trabalho, ao expor que essa perspectiva não considera a reprodução que é basilar do sistema e que se utiliza dessas opressões para se manter e aprofundar as relações de exploração. Assim, é importante compreender as desigualdades e opressões dentro da totalidade, para que a luta feminista vise transformações estruturais da sociedade em paralelo a estratégias que atuem no agora, na reorganização e socialização do trabalho doméstico, como parte fundamental da reprodução social e das relações econômicas e produtivas.

O trabalho reprodutivo continua sendo um trabalho extenuante e majoritariamente exercido pelas mulheres e o cuidado afetivo-emocional é parte constituinte desse trabalho complexo. Através das narrativas, vimos que o cuidado afetivo-emocional se fez ainda mais necessário diante dos impactos psicossociais do contexto de pandemia, e os efeitos dessa demanda crescente na saúde mental das mulheres é um campo a ser investigado e estudado. Dessa forma, articular estratégias em saúde mental com foco nos marcadores de raça, classe e gênero,

através de uma perspectiva situada e comprometida com um projeto ético e político transformador, se faz urgente e necessária para acolher e cuidar do adoecimento das mulheres causado pela carga desumana de ter que dar conta de tudo, posta em seus ombros pelo patriarcado-racismo-capitalismo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?** Revista Outubro, n.32, 2019. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf Acesso em 4 jun. 2021.

BIANCONI, Giulliana; et al. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. Gênero e Número e SOF, 2020. Disponível em: http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf Acesso em 4 jun. 2021.

C6 BANK NOTÍCIAS, Datafolha/C6 Bank: **Pandemia é pior para mulheres, pretos e pardos e classes mais baixas**. 2020 Disponível em: https://medium.com/c6banknoticias/datafolha-c6-bank-pandemia-%C3%A9-pior-para-mulheres-pretos-e-pardos-e-classes-mais-baixas-ca116bfd6643_ Acesso em 4 jun. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo, volume 1**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGUEIREDO, Luis Claudio; MINERBO, Marion. **Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo**. Jornal de Psicanálise, v.39, n.70, São Paulo, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em 27 mai. 2021.

FRASER, Nancy. **Contradições entre capital e cuidado**. Princípios: Revista de Filosofia, v. 27, n. 53, Natal, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16876/12950> Acesso em 4 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GÓIS, Tainã. **Trabalho reprodutivo e bem comum: entre a luta contra a exploração e a urgência de barrar mercantilização da vida**. In: Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, 2019, Niterói. Anais eletrônicos, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC30/MC302.pdf> Acesso em 27 mai. 2021.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf Acesso em 27 mai. 2021.

GOUVEIA, Marizete; ZANELLO, Valeska. **Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras**. Psicologia em Estudo, v. 24, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WLqvt9yG7rmBzz4kvp8TVSL/?lang=pt> Acesso em 27 mai. 2021.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n.5, 1995, p. 7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828> Acesso em 4 jun. 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IPEA. **Nota técnica: vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil**. IPEA, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200609_nt_disoc_n_75.pdf Acesso em 27 mai. 2021.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. **Mulheres em home office durante a pandemia da Covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família**. Revista de Administração de Empresas, v. 60, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902020000600388&lang=pt Acesso em 4 jun. 2021.

LOBO, Janaina Campos. **Uma outra pandemia no brasil: as vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”**. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 8, n.1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18901> Acesso em 4 jun. 2021.

LÔBO, Jade Alcântara; DE SOUZA, Izabela Fernandes. **Na Encruzilhada da Maternidade Negra**. In: XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/site/anais2?AREA=94> Acesso em: 2 jun. 2021.

MASCARO, Alysson L. **Crise e Pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

MELO, Hildete P.; CONSIDERA, Claudio M.; DI SABBATO, Alberto. **Os afazeres domésticos contam**. Economia e Sociedade, v. 16, n. 3, Campinas, 2007, p. 435-454, Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n3/06.pdf> Acesso em 4 jun. 2021.

MENEZES, Caroline Rogrigues; NETO, Clarindo Epaminondas de Sá; FERREIRA, Tayná. **Branca cansada, preta morta: apontamentos sobre o trabalho doméstico e de cuidados e o contexto de pandemia de Covid-19**. Revista Feminismos, v. 8, n.3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42050/23920> Acesso em 27 mai. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade no Brasil**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 4 jun 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **Nota técnica conjunta**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica-no-4-coronavirus-1.pdf> Acesso em 27 mai. 2021.

ONU MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta**. ONU Mulheres, 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/ONU-MULHERESCOVID19_LAC.pdf. Acesso em 4 jun. 2021.

ONU MULHERES. **Trabalhadoras domésticas fazem campanha por direitos durante a pandemia Covid-19 e articulam apoio da cooperação internacional**. ONU Mulheres, 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/trabalhadoras-domesticas-fazem-campanha-por-direitos-durante-a-pandemia-covid-19-e-articulam-apoio-da-cooperacao-internacional/> Acesso em 27 mai. 2021.

OXFAM INTERNACIONAL. **Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade**. Reino Unido: 2020. Disponível em: https://d2v21prk53tg5m.cloudfront.net/wp-content/uploads/2021/04/1579272776200120_Tempo_de_Cuidar_PT-BR_sumario_executivo.pdf Acesso em 4 jun. 2021.

PAIVA, Ilana Lemos de; CABRAL, Luana Isabelle. **Notas sobre os efeitos da pandemia na vida das mulheres e a luta feminista**. Observatório da População Infantojuvenil em Contextos de Violência, UFRN, 2020. Disponível em: <https://obijuvufrn.medium.com/notas-sobre-os-efeitos-da-pandemia-na-vida-das-mulheres-e-a-luta-feminista-d3dcf78d204> Acesso em 27 mai. 2021.

PASSOS, Rachel G. **Trabalho, Cuidado e as Relações de Gênero, Raça e Classe**. In: Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, 2019, Niterói. Anais eletrônicos, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC27/MC272.pdf> Acesso em: 27 mai. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SÁ, Marilene de Castilho; MIRANDA, Lilian; MAGALHÃES, Fernanda Canavez. **Pandemia Covid-19: catástrofe sanitária e psicossocial**. Caderno de Administração, Maringá, v.2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53596/7513751501> Acesso em 27 mai. 2021.

SANTOS, Luciana da Silva. **Domesticidade feminina e impactos na saúde mental**. In: SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos. Perspectivas interdisciplinares em promoção da saúde e diversidade. Palmas: EDUFT, 2020. Disponível em: <http://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/2532/1/Perspectivas%20interdisciplinares%20em%20promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20sa%C3%BAde%20e%20diversidade.pdf#page=72> Acesso em 4 jun. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. Psicologia e Sociedade, v. 26, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt> Acesso em 27 mai. 2021.

SILVA, Juliana Marcia Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente; ABREU, Kamila Eulálio; SILVA, Lívia Souza. **A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia**. Revista Feminismos, v.8, n.3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114/23913> Acesso em 4 jun. 2021.

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia**. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge. Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto S. **Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 3, p. 238-246, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n3/1984-0292-fractal-27-3-0238.pdf> Acesso em 4 jun. 2021.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.